

Gregório de Almeida: entre a civilização e a barbárie

Marina Haizenreder Ertzogue ¹

Resumo: O texto aborda a escrita sensível de Souvenir, pseudônimo de Gregório de Almeida, autor das crônicas “Na Rua do Ouvidor” publicada pela imprensa fluminense. (1887-1898). Souvenir, narrador-*voyeur*, espectador da *mise-en-scène* urbana, inaugurou uma secção exclusiva dedicada à moda e ao mundo elegante do *high life* fluminense. Excêntrico e polêmico, homem sensível à modernidade, lançou um olhar para o universo feminino, antecipando o discurso acerca da *performance* do homem moderno e da *mise-en-scène* urbana, tomando com matriz a cultura parisiense do *fin-de-siècle*.

NA RUA DO OUVIDOR

Esse era o título da coluna assinada por Souvenir, pseudônimo de Gregório de Almeida, um cronista que atravessou do Império à República; do trabalho escravo à mão-de-obra assalariada escrevendo sobre a principal artéria comercial do Rio de Janeiro: a rua do Ouvidor. “Ninguém, nem mesmo os filhos dessa capital, conhece os mistérios da rua do Ouvidor. Nela percorre desde o mendigo que explora a caridade pública até a mais alta sumidade do mundo financeiro e político.” A rua não era apenas o passeio da moda ou lugar de passagem para o *demi-monde* ofuscado. Citando Victor Hugo, Souvenir comparou: “assim como Paris é o cérebro do mundo, a Rua do Ouvidor é o cérebro do Brasil.” (*Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 24 de maio de 1887).

Gregório de Almeida foi um personagem controvertido e singular como a própria rua no auge de sua glória. Controvertido pela natureza da escrita e sensibilidade incompreensível para a época. Singular pela intimidade resguardada a sete chaves. A polêmica em torno do cronista inicia-se com a publicação da primeira crônica em 24 de maio de 1887, no *Diário de Notícias*, de Rui Barbosa. O cronista inaugura na imprensa

¹ Professora do Departamento de História da UFT – Doutorado em história pela USP e bolsista do CNPq

uma secção exclusiva dedicada à moda e ao mundo elegante do *high life* fluminense que passava pela rua do Ouvidor.

A IMPRENSA ENTRE RENDAS E BABADOS

A recepção da coluna “Na Rua do Ouvidor” foi desanimadora. A imprensa reagiu de forma negativa ao aparecimento de uma secção consagrada às *toilettes* femininas. Afirmava-se que um jornal sério não se ocupava com “*fanfreluches*.” O colunista de “Entrelinhas” da *Gazeta de Notícias* escreveu: “Este Souvenir se propõe a fazer a crônica da rua do Ouvidor descrevendo os trajes das senhoras que toma nota em seu *carnet*. Está bem de ver que são incluídas as senhoras do *high life* que tem *toilette femmisie* ou *toilette noire*...” (*Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 25 de maio de 1887).

O escritor Arthur Azevedo concordava que era tolice uma sessão dedicada à descrição das toaletes das senhoras. Quando abria o *Diário de Notícias* todos os dias e via desfilar diante dos seus olhos “um regimento de iniciais e uma caravana de *mademoiselle*, acompanhada por uma guarda de honra de pontos de exclamação,” sentia remorso ao recordar que tinha sido o criador da coluna em 1882, no jornal *A Gazetinha*. (*Novidades*. Rio de Janeiro, 16 de junho de 1887).

“Onde está o mal?” indagou Souvenir: “Está nas amabilidades que dirigimos às senhoras quando descrevemos suas *toilettes*?” Explicando-se: “A pessoa que dirige essas amabilidades é completamente desconhecida dessas senhoras e não há ofensas em dizer aquilo que se diz nos salões com a gentileza de cavalheiros e por fina cortesia.” (*Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 21 de janeiro de 1888).

No *Jornal do Comércio* foi redigida uma nota assinada por Nemo. O jornalista considerava ridículo e indiscreto a exposição de senhoras da sociedade fluminense num jornal de grande circulação. “Bem sei que a vaidade feminina fica lisonjeada com a descrição dos trajes, mas, nem todas pensam do mesmo modo. Depois, qual o interesse do público em saber o feitio de um vestido ou a cor de uma luva?” (*Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro, 24 de julho de 1887).

Souvenir respondeu pela imprensa que o cronista do *Jornal do Comércio* invejava o modo como as senhoras se vestiam. Descrevendo-o diante do espelho “enfiado em uma bela camisa rendada de mulher, de fino colarinho, mirando-se de alto

a baixo, com olhos ternos, murmurando baixinho: - Como sou bela! Chega esquecer-se que é um guapo mancebo.” Ainda ridicularizando Nemo, concluí: “Toma o espartilho, veste-o, aperta-o, mas nunca terá a bela cinturinha que ele tanto admira. Daí o ódio que ele tem das descrições das *toilettes* femininas.” (*Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 25 de junho de 1887).

Havia também reclamações pela descrição dos *toilettes* em francês. Isso não fazia sentido para Basco. O cronista do Jornal *Novidade* para ilustrar sua incompreensão relatou a estória do papagaio que falava uma porção de coisas que ninguém entendia porque misturava o português com outro idioma desconhecido. “Pois, quando leio as descrições de *toilettes* do Souvenir, penso estar ouvindo o tal louro.” (*Novidades*. Rio de Janeiro, 18 de janeiro de 1888).

Gregório de Almeida deixou a redação do *Diário de Notícias* em 28 de janeiro de 1889 e no dia seguinte estava publicando no *Diário do Comércio*. Novamente foi alvo de críticas. “Parece que ainda existe gente nessa cidade que não pode ver uma crônica diária de costumes, de fatos e de modas, que não acredita na evolução do progresso, que não suporta a linguagem que fala ao coração.” O cronista pergunta: “onde está o ridículo nesta seção?” (*Diário do Comércio*. Rio de Janeiro, 30 de janeiro de 1889). Reconhecendo o mérito daqueles que escreviam sobre política, economia e sociedade, admitiu sua opção: “nós procuramos uma arena mais simples, mais fácil, mais modesta – tratamos do coração, da mulher e do amor...” (*Diário do Comércio*. Rio de Janeiro, 09 de março de 1889).

As polêmicas em torno de Gregório de Almeida giravam tanto pela “afeição” em relação ao sexo feminino quanto seu desinteresse pelo mesmo. Contraditório? Talvez... Inaugurando a seção ilustrada do *Diário de Notícias*, em 11 de agosto de 1889, Lulu Sênior dedicou-lhe uma pequena biografia. Não se tratava obviamente de uma biografia convencional, mas de uma pilheria da imprensa.

Na seção ilustrada do *Diário de Notícias*, Souvenir era apresentado como o “jornalista do amor e das *toilettes*.” Lulu Sênior advertia as leitoras: “o físico de Gregório de Almeida não corresponde exatamente à idéia das senhoras que o julgam pelo que ele escreve”, todavia, “todo ele é doçura e amor.” Escreve com “uma pena de pão-de-ló molhada em baba de moça, e quando acaba de escrever lambe-se todo.” Sobre a sensibilidade do narrador: “Pisa macio porque está convencido que a rua do Ouvidor é

calçada de corações, e quando tem de falar as moças deita pó de arroz na língua.” Souvenir desdenha a relação com o sexo feminino porque: “ama por amor ao amor, sem fazer questão do objeto.” Quando descreve uma *toilette*, “tem palpitações e precisa cheirar um vidrinho de sais para não ter chilique.” (*Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 11 de agosto de 1889)

Seria essa imagem condizente com o *Voyeur* que usa sua visão como forma de apropriação de um real, ao qual, o sujeito autônomo nunca ascenderá? Nutre admiração pelas mulheres, conforme fica explícito em crônica anterior, entretanto, quando responde a provocação do Lulu Sênior, afirma: “Amável L. dizeis que por nossa causa não passeia mais pela Rua do Ouvidor... Bem sabeis que somos apenas admiradores da beleza e deixamos o campo livre para aqueles que desejam conquistá-la.” (*Diário do Comércio*. Rio de Janeiro, 03 de julho de 1889).

Outra passagem retirada de crônicas publicadas sobre Souvenir consta que ele viveu um longo período em Paris e já era homem maduro quando estreou na imprensa. Sobre o desdém pelo sexo feminino Lulu Sênior escreveu:

É de Aphonso Karr a seguinte observação: Nas revistas militares, no campo de Marte, aparecem uns sujeitos que vedem frescos fazendo-lhes apologia e dizendo-os muito higiênicos, mas que nunca bebem a própria mercadoria e tem o costume de refrescar-se nas casas de bebidas. Não será esse o caso do solteirão que converteu “Na Rua do Ouvidor” em escritório de Piperlin? (Cidade do Rio. Rio de Janeiro, 23 de outubro de 1888).

Comparando Souvenir com o *voyeur* que é o espectador que se esconde, não suporta ver-se a olhar, que usa a visão como forma de apropriação de um real ao qual, enquanto sujeito autônomo, nunca ascendera. (GIL, 2007, p 44) ainda é possível sugerir que Gregório de Almeida era uma espécie de narrador-*voyeur*, espectador da *mise-en-scène* urbana da Rua do Ouvidor. A cada manhã, como se a sua vida fosse repetição, caminhava devagar pela movimentada rua do Ouvidor, a manga do paletó repousava impessoalmente em algum transeunte apressado, enquanto seguia protegido pelo anonimato. Sentado em frente à janela do Café Londres, espreitava o movimento: “É nessa rua, só nela, que se acotovelam desde o ministro de Estado até o ganhador que traz uma chapa pregada com um número pregado na blusa desbotada.” (*Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 12 de maio de 1888).

Nesse passeio vagaroso, Souvenir observava atentamente a sociedade fluminense. Para conhecê-la era preciso fazer compras nos armarinhos da moda, mesmo sem precisar de coisa alguma; passar algumas horas no Paschoal onde o *high-life* come empadinhas e toma sorvete, misturar-se com a elegância de contrabando ou ainda jantar nos hotéis *Ravot* e *Frères Provençaux*, “nas horas em que os quartos superiores despovoam de seus andares suas moradoras. Conhecer algumas costureiras que não tem tabuletas, mas que trabalham para o grande mundo.” (*Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 13 de janeiro de 1889).

SOUVENIR ENTRE A CIVILIZAÇÃO E A BARBÁRIE

Uma característica do cronista era o apreço pela monarquia e admiração por D. Pedro II. Eventos cívicos e religiosos que contassem com a participação do monarca português eram destacados na sua coluna, mesmo que fosse pelo pretexto de descrever as *toilettes* do high life.

Parece que a natureza queria concorrer com todos os seus elementos brilhantes e suaves para saudar o velho monarca brasileiro, esse amigo dos pobres e mais denodado defensor da liberdade de imprensa, no dia em que a Ordem de São Francisco de Paula celebrou um solene Te-Deum em ação de graças pelo restabelecimento de sua saúde tão preciosa e de seu regresso à pátria. Findo o ato religioso, grande número de famílias saindo do grande templo, desfilou pela Rua do Ouvidor. (Diário do Comércio. Rio de Janeiro, 14 de abril de 1889).

A admiração expressa pela monarquia não o impedia de ser um entusiasta da modernidade. Em 27 de julho de 1887 escreveu para o *Diário de Notícias* declarando que era preciso que o mundo civilizado soubesse: “O Brasil não é uma terra de beócios e não andamos vestidos de penas e armados de arco e flecha, nós temos academias, livros, e uma mocidade inteligente, ardente e patriótica.” (*Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 27 de julho de 1887). Nesse sentido, a cidade, contraponto da natureza selvagem, apresenta-se como *locus* da civilidade e da sofisticação. A não identidade com a “floresta e os silvícolas” era o sinônimo de civilidade. A natureza era a negação da modernidade.

O imaginário francês sobre os habitantes do “país tropical” no *fin-de-siècle* aparece em outra crônica: “Na França se julga que o Rio de Janeiro ainda traja à moda dos Tupinambás, no meio das florestas; que falamos guarani misturado com algumas palavras portuguesas e que moramos em ranchos cobertos de sapê.” (*Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 25 de agosto de 1887). Souvenir contradiz essa idéia afirmando que na Rua do Ouvidor “notava-se lindas moças trajando *toilettes* riquíssimas, até muito além do que é preciso para um passeio.” (*Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 19 de setembro de 1887).

De acordo com Norbert Elias, a idéia de civilidade e cultura era construída como o pólo oposto da esfera associada à natureza, ao selvagem, à barbárie e à ignorância. A civilização estava relacionada a valores ilustrados como polimento, aperfeiçoamento, progresso, razão. E esse era um processo que se aplicava tanto aos costumes sociais quanto ao próprio cultivo de uma subjetividade individual. "O que estava em questão, era a domesticação da animalidade. A natureza das funções corporais, era preciso construir um mundo onde se vivesse como se isso não existisse".(ELIAS, 1998, p. 82)

Foi na Renascença que se afirmou um modelo urbano em contraposição ao padrão medieval, camponês e teocêntrico, a partir de então designado como inculto. Profundas mudanças culturais inauguram a modernidade. No processo civilizador, Norbert Elias demonstra que essa mudança cultural foi auferida por uma aristocracia que, buscando diferenciar-se da nobreza feudal, investia em novos valores culturais e padrões de comportamento que formariam as bases ideológicas da modernidade, reivindicando para si um papel civilizatório.

Esses padrões de comportamento também deram origem aos lugares de socialização. Na França, os cafés tornam-se um desses espaços símbolos da modernidade. No Rio, os cafés ganharam preferência entre intelectuais e artistas, era o local onde se consumia absinto, conhaque e vinho e na porta dos *Castellões* “algumas formosas do mundo elegante engoliam sorvetes mirando-se nos espelhos que cobre as paredes daquele estabelecimento.” As mulheres elegantes, mesmo vivendo no clima tropical demonstravam que o Brasil era civilizado, com todo o calor, “para vestir-se, apertavam o corpo em espartilhos rodeados de barbatanas, colocando atrás de si, uma volumosa anquinha.” (*Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 19 de setembro de 1887).

O Rio de Janeiro, capital federal, era ponto de convergência de viajantes estrangeiros, artistas europeus e da burguesia emergente que adotava padrões de consumo europeus. Os navios europeus, principalmente franceses, não traziam apenas os figurinos, o mobiliário e as roupas, mas também as notícias sobre as peças e livros mais em voga, as escolas filosóficas predominantes, o comportamento, o lazer, as estéticas e até as doenças, tudo enfim que fosse consumível por uma sociedade altamente urbanizada e sedenta de modelos de prestígio. (SEVCENKO, 2003, p. 51)

O discurso sobre a modernidade no *fin de siècle* era expressão corrente entre literatos brasileiros que completavam seus estudos na Europa. Parte significativa deles eram jornalistas que usavam a prosa e a poesia para veicular, de acordo com suas convicções, o que seria considerado civilizado ou bárbaro no país.

A Rua do Ouvidor era vitrine da França. Com a eletricidade, o telegrafo e o vapor, afirmou Xavier de Carvalho no jornal *O País*: “terminaram-se as distâncias e hoje a Avenida da Ópera, em Paris, prolonga-se pela Rua do Ouvidor.” (*O País*. Rio de Janeiro, 24 de março de 1891). Eletricidade, telégrafo e vapor são metáforas da modernidade comuns na escrita dos cronistas da época. O poeta Raul Braga descreveu a sensação de transitar por essa rua: “dentro do peito solta o nosso coração, os nossos nervos sacodem como tocados por uma pilha elétrica.” (BRAGA, 1893, P. 15). No romance *A Capital Federal*, (1893) através das impressões do sertanejo Anselmo, o jornalista Coelho Neto, reafirma as impressões de Raul Braga:

A meu ver a nossa forma de governo é a Rua do Ouvidor, a nossa religião é a Rua do Ouvidor, as constituições, os figurinos e os atos de fé saem desse beco. Isto é a pia lustral que consagra os fatos e os homens. Essa rua ecoa todos os sucessos do mundo como na vida fisiológica o cérebro, por um fenômeno de repercussão nervosa, reflete todas as sensações do corpo. (NETO COELHO, 1915, p. 85)

O seu ritmo frenético a identificava com a modernidade. Na hora do “rush” era intransitável. Negociantes, capitalistas, burgueses, empregados das casas de comércio, funcionários públicos, senhoras que compravam nos armarinhos subiam a rua para tomar os bondes das companhias Botafogo, São Cristovão, Carris Urbanos e Vila Isabel. A animação ficava por conta dos *flanêurs*, que se confundiam com as pessoas que deixavam o trabalho. Rapazes de bigodes retorcidos estacionavam entre as ruas Gonçalves Dias, Uruguaiana, no Largo de São Francisco, rindo, flanando e

conversando, enquanto pais de família passavam apressados com os embrulhinhos trazidos das confeitarias. Assim era a vida fluminense.

Aos Sábados, quando anoitecia, a Rua do Ouvidor ficava repleta de transeuntes que paravam em frente das vitrines e moças que passeavam exibindo suas *toilettes*. Nos cafés, flautas, rebecas e harpas tocavam *Bendegó*. A confeitaria Paschoal, iluminada à luz elétrica, abrigava no seu labirinto de mesas, moças que se miravam nos espelhos do estabelecimento. Os vendedores de jornais apregoavam a *Gazeta da Tarde*, o *Jornal do Comércio* e a *Cidade do Rio*. “Eis uma face da Rua do Ouvidor à noite.” (*Diário do Comércio*. Rio de Janeiro, 27 de abril de 1889). Somente quando chovia a movimentação cessava deixando Souvenir sem assunto para a sua crônica diária.

Quando chegamos à Rua do Ouvidor, soprava um vento frio e o céu ameaçava mandar chuva a terra. Pressentimos então um dia triste para esta rua, pois não teríamos bonitas toaletes para registrar. Ó Deus! O que seria da Rua do Ouvidor sem as toaletes que costumamos notar nessa seção criada unicamente para o sexo formoso! (Diário do Comércio. Rio de Janeiro, 16 de abril de 1889).

O comércio paralisava, os armarinhos elegantes ficavam vazios, os bondes traziam apenas o “sexo barbado,” somente os cafés ficavam lotados. A chuva privava as moças de admirarem os elegantes chapéus *Douvisy*, os belos vestidos da *Notre Dame* e os lindos costumes da *Jammes Filles*.

Se toda essa movimentação refletia hábitos da modernidade importados dos bulevares parisienses como os cafés, as charutarias e galerias envidraçadas havia o contraponto, a influência do calor dos trópicos no animo do carioca.

O dia de ontem amanheceu nebuloso, triste, semelhante a um dia londrino, merencório e de plúmbeo céu. Nós, filhos dos trópicos, não estamos acostumados com este tempo. Nossa natureza brilhante, fecunda e majestosa, inundada pelo sol ardente, sempre verdejante e grandioso, nos acostumou as suas belezas e não podemos suportar os dias nebulosos, sem sol, e tristes. (Diário de Notícias. Rio de Janeiro, 01 de junho de 1887).

Com o advento da república, a estreiteza das vias de acesso, o aspecto colonial de prédios na Rua do Ouvidor passaram a evocar o fantasma da monarquia. Durante as comemorações do primeiro aniversário da proclamação da república brasileira, falava-se do projeto de construção de uma larga avenida. A ampliação da Rua do Ouvidor iniciaria pelo caís do Mercado, subindo em direção ao Campo de Santana, triplicando-se

a largura para dar vazão ao “encanando ar fresco do mar para o abafado coração da cidade,” além de abrir o tráfego para passagem dos carros de luxo, assim, a Rua do Ouvidor à tarde “apresentará um aspecto mais belo que a monotonia de hoje.” (*Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 24 de novembro de 1890).

A imprensa comemorava o projeto de alargamento das avenidas e conclamando a extinção da Rua do Ouvidor. Nessa crônica, Gastão Bousquet evoca a rua, símbolo da monarquia, inadequada diante do progresso.

Parece que desta vez o Rio de Janeiro vai ter o prazer indizível de ser livre da estreita Rua do Ouvidor, onde a gente anda aos encontros como em um corredor de teatro. O dr. Denerval e o Pardal Millet estão resolvidos a acabar com essa rua do tempo do rei e do sebo e dar ao nosso público. (*Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 22 de novembro de 1890).

Em lugar da acanhada Rua do Ouvidor, com prédios em estilo colonial, previa-se a construção de um bulevar espaçoso e chique, onde um respeitável pai de família poderia trazer seu embrulho de empadinhas sem vê-las esbarrachadas ao esbarrar com o primeiro transeunte. Haveria de ter bastante lugar para a família fazer compras na cidade para não se ver obrigada a andar como no caminho da roça das quadrilhas.

Quanto à proclamação da república, apesar da simpatia pela nobreza, Souvenir estava otimista. Depois dos distúrbios de 1889, houve o retorno da normalidade no país, em 1890, ele escreveu: “Vendo esta rua cheia de gente, ávida de novidades, amiga das festas e dos espetáculos gratuitos, começamos a meditar no destino desse país, que está fadado a um grande futuro.” (*Diário do Comércio*. Rio de Janeiro, 16 de dezembro de 1890). Durante as comemorações da proclamação da república houve grande movimento na Rua do Ouvidor. Por falta de outro passatempo: “a Saúde, São Cristovão, Cidade Nova e morros adjacentes mandaram para esta rua a cota de seus moradores desocupados.” (*Diário do Comércio*. Rio de Janeiro, 16 de dezembro de 1890).

Faltando dois anos para a virada do século XX, surge uma nova revista chamada *Rua do Ouvidor*, de J. Serpa, ironicamente quando o Rio de Janeiro vivia a época das reconstruções, a Rua do Ouvidor ganhava um periódico dedicada a “vida ouvidoriana,” expressão cunhada pelo redator da revista. A coluna “Na Rua do Ouvidor” reaparece

novamente, assinada por *Flêneur*, não há certeza de que este seria o novo pseudônimo de Gregório de Almeida, embora, o estilo da escrita remeta ao cronista.

A rua mais cosmopolita da capital era um microcosmo onde tudo acontecia: “Joga-se, às claras, no bicho; fala-se da vida alheia continuamente; namoricos e casamentos se fazem com a maior facilidade e prontidão; conversa-se sobre o mérito da beleza desta ou daquela artista do teatro; entra-se nas confeitarias e cafés.” *A Rua do Ouvidor*. Rio de Janeiro, 14 de maio de 1898.

Afinal, havia esperanças de reviver os anos dourados da Rua do Ouvidor? Na contramão das grandes avenidas, a estreita passagem do tempo da monarquia sobreviveria e a coluna homônima mostraria que: “essa artéria do Rio de Janeiro não tem competidora, nem mesmo falando-se do bulevar mais movimentado da capital do mundo.” (*A Rua do Ouvidor*. Rio de Janeiro, 14 de maio de 1898).

“Encarregado da crônica dessa rua, temos como dever informar ao público tudo quanto nela se passa. Ao escrever esta seção dissemos que nela só estariam os fatos de domínio público como se usa na Europa, nos grandes centros civilizados”. (*Diário do Comércio*. Rio de Janeiro, 25 de fevereiro de 1889). Gregório de Almeida, ao longo da carreira pela imprensa carioca, escreveu sobre modas, aconselhou leitores sobre questões sentimentais e colocou em evidência escândalos envolvendo personagens da sociedade fluminense, enfim, excêntrico e polêmico, Souvenir inovou, inaugurando a coluna social, novidade para a época, pois, não se limitou a descrição de *toilettes*, imprimiu um estilo que o tornaria popular na imprensa. “Nesses vinte anos não me consta que tenha aparecido na imprensa fluminense um jornalista que se tornasse mais famoso publicando a sua seção diária, do que o Ilmo Sr. Gregório Souvenir *fanfreluches* da Rua do Ouvidor.” (*Novidades*. Rio de Janeiro, 18 de janeiro de 1888).

Referências Bibliográficas

BRAGA, Raul. Vivendo. *Álbum*. Rio de Janeiro. Ano 1, n 32, agosto de 1893.

BENJAMIN, Walter. *A Paris do Segundo Império em Baudelaire*. In: WALTER BENJAMIN. Org. Flávio Kothe. São Paulo: Ática, 1985. p. 44-122 (Grandes Cientistas Sociais – Sociologia).

- CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. In: CANDIDO, Antonio (et. al.). *A Crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Editora da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.
- COELHO NETO. *A Capital Federal*. Porto: Livraria Chardron, 1915.
- ELIAS, N. *O processo civilizador; uma história dos costumes*. v.1. Rio de Janeiro, Zahar, 1990.
- GIL, Isabel Capeloa. Terrores noturnos: noite e a estética *noir* em Edgar Allan Poe. *Comunicação & Cultura*, n.o 4, 2007.
- FERREIRA, Raul Azevedo de Andrade. No jardim do mal: Baudelaire no Brasil. *A Cor das Letras*. UEFS, n. 8, 2007.
- FRANÇA JÚNIOR. *Política e Costumes. Folhetins Esquecidos (1867-1868)*. Org. R. Magalhães Júnior. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 1957. Originalmente publicados no Correio Mercantil entre 1867 e 1868 na seção Folhetim.
- GAY, Peter. *O Coração desvelado*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998
- GONÁLEZ REY, Fernando. *Sujeito e Subjetividade : uma aproximação histórico-cultural*. São Paulo : Pioneira Thomson Learning, 2003.
- GUMBRECHT, Hans U. *A Modernização dos Sentidos*. São Paulo : Ed. 34, 1998
- SEVCENKO, Nicolau (org.). *História da vida privada no Brasil – volume 3*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.